

Julia Spadaccini é formada em Artes Cênicas e Psicologia, e pós-graduada em Arteterapia. Fora do teatro atua como roteirista de tv e HQ's. É autora de mais de 14 peças entre as quais "Não Vamos Falar Sobre Isso Agora", "O Mesmo Sol" e "Os Estonianos". Desde 2005 trabalha com a Cia Casa de Jorge.

PALIMPSESTO - O que te levou a escrever para o palco, e como isso se deu num primeiro momento?

JULIA - O que me levou a escrever foi a formação em Psicologia. Estudar o comportamento humano me abriu portas mentais que eu precisava compartilhar. Minha escola desde pequena foi o teatro, mas tenho grande desejo de escrever para cinema. Muitas vezes as imagens me vêm à cabeça em forma de tela e não do palco. Acho que ainda vou me aventurar mais pelos caminhos da sétima arte...

PALIMPSESTO - Quais as questões e temas que mais te inspiram?

JULIA - O ser humano em suas constantes transformações.

PALIMPSESTO - Quais as dificuldades contextuais (patrocínio, etc.)

JULIA - Este ano, depois de 14 peças escritas e encenadas no Rio, consegui ganhar o meu primeiro edital. Acho que isso já diz alguma coisa sobre o contexto atual. Jamais poderia viver como dramaturga sem aceitar encomendas para TV, cinema, HQs etc. Não tenho nenhum colega que consiga viver dignamente somente da dramaturgia, a não ser que escreva para algum artista conhecido, pois aí o dinheiro aparece. As empresas particulares, usam a lei Rouanet para patrocinar famosos. Já ouvi dezenas de vezes: "Mas tem alguém conhecido na peça?" É claro que, se você trabalha na área de marketing de uma empresa e aprova projetos, nada mais justo do que querer associar o nome da empresa a projetos que tenham artistas que a população vê na TV. O que acho é que o governo poderia exigir que toda a empresa tivesse também uma cota reservada para patrocínio de novos talentos e artistas desconhecidos do grande público. Assim, estaria realmente fomentando cultura do país, e não só as peças que já se pagariam com bilheteria, justamente por terem pessoas famosas em cena. Além das empresas particulares, comecei a perceber que os editais públicos também estão dando preferência a peças com grandes nomes, e aí fica realmente impossível concorrer. Há também o problema recorrente das curtas temporadas que estamos fadados a fazer. Antigamente, uma temporada no Rio significava 2 meses em cartaz. Hoje não há teatro público que ofereça esse tempo. Você fica em cartaz 1 mês e quando o público começa a chegar, o boca a boca a acontecer, acabou a temporada. As pautas estão sempre lotadas, o teatro particular cobra um mínimo impossível de se pagar e os editais exigem peças inéditas. Ou seja, a peça vive muito pouco, o teatro vive quase nada e o artista anda bem cansado...

PALIMPSESTO - Quais os maiores desafios formais para se escrever teatro, numa época em que a ruptura já é o padrão, e às vezes é até banalizada no teatro, na arte e nos meios de comunicação?

JULIA - Acho que o maior desafio no contexto contemporâneo onde os processos são rápidos e superficiais é conseguir se voltar para dentro e procurar sua identidade. Se o autor fica preso a uma linguagem imposta, ou a críticas e outros fatores externos, nunca irá construir uma dramaturgia sólida. Quando o autor está absolutamente conectado com suas questões e sabe o que quer falar, sua expressão será imediatamente o resultado de suas vivências misturado ao contexto atual em que vive. Para mim, isso é arte. Acho que você só rompe um padrão quando não pensa sobre isso e só está conectado ao que quer dizer.